

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

5. Novas configurações familiares: do pai às parentalidades

Responsável EOL: Débora Nitzcaner

Participantes: Cynthia Barreiro Aguirre, Lorena Buchner, Raquel Garcés, María Alejandra Guerra, Patricia Kerszenblat, Débora Liberman, Graciela Rodríguez de Milano, Marcelo Mizrahi, Gabriela Rodríguez, María Lujan Ros, Graciela Schnitzer, Greta Stecher, Esteban Stringa, Leticia Varga, Tomás Verger, Roxana Vogler.

A família é para cada um outra coisa

Lacan chamou a família de “paternalista” para referir-se ao *lugar do pai* em sua qualidade de recurso decisivo do *complexo de Édipo*. No escrito “Os complexos familiares” localiza-se o início de sua busca por um maior esclarecimento dos acontecimentos edípicos das chamadas “neuroses contemporâneas”.

A partir desse momento, podemos ler nos *acontecimentos de família* um mais além do pai sob a lupa das transformações sintomáticas. O que mudou? Passaram-se 79 anos e o avanço conceitual é notável. *Aprés coup* podemos dizer que *a orientação persiste*. A bússola de Lacan foi a de estabelecer a prática da psicanálise em *um mais além do Édipo*.

Diante do convite para conversar sobre as “Novas configurações familiares: do pai às parentalidades” nos deparamos, desde o início, com uma afirmação: em nossa época *há novas configurações familiares* que nos impõem um novo *impasse*. Saber transmitir como se passa do *pai* ao neologismo *parentalidades*. Qual o conceito *do pai hoje*?

Convocados a fazer essa experiência, saímos pela cidade ao encontro do *imaginário social* em que se sustenta o conceito de família.

Qual foi nosso ponto de partida? Nossa prática como analistas. Desse lugar podemos ler que *os vínculos familiares* “já não seguem a lógica do significante do Nome do Pai”¹ para tratar a inexistência da relação sexual. São então, *os modos de gozo predominantes dos pais que reordenam as famílias*. Sem o sentido *fixo familiar* que indicava como comportar-se como menina ou menino, os sujeitos ficam desorientados. A ausência de um significante que valha como S1 implica numa prevalência do gozo *sinthomático* de cada um e não mais das identificações que diziam o que fazer. Essa diferença significativa que permitia ordenar os mundos, torna-se agora uma *equivalência*, ou seja, há *um valor comum* que os faz *intercambiáveis* com outros segundo as condições de gozo.² “Passagem” que se sustenta na mutação do Pai garantidor do Outro (e seus efeitos fálicos de identificação sexual) a um significante que é variável de sua função que, com diferenças, não impede a sexuação significativa.³ O sintoma, seu gozo, passa a ser *a regra que ordena*. Com essa leitura saímos para conversar na cidade.

Primeiro tempo: saída para a cidade

Decidimos servir-nos da opinião pública com duas interrogações: *Para que as pessoas formam uma família? Como são as famílias de hoje (em que se diferenciam das de antes)?* Para a eleição dos entrevistados consideramos previamente a diferença etária e buscamos diversos níveis educacionais. Deparamo-nos com pinceladas de uma interessante variedade de histórias de vida muito à altura da época. Tivemos a oportunidade de conversar com famílias hetero, homo e mono parentais.

De um total de 57 entrevistas realizadas extraímos três eixos fundamentais sobre o conceito social de família:

- A primeira conclusão recaiu sobre a consideração unânime de que *a família é um refúgio, um remédio para evitar a solidão*.

¹ Bassols, M., Famulus. *Lacan XXI. Revista Fapol On line*. 25/10/2016.

Disponível em: <http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/famulus/>

² Brousse, M.-H., Un neologismo de actualidad: la parentalidad. Torres, M., Faraoni, J., Schnitzer, G. (Comp.) *Uniones del mismo sexo. Diferencia, invención y sexuación*. Buenos Aires: Grama. 2010. Y en *Revista Enlaces* N° 11. Buenos Aires: Grama. 2006, p. 68.

³ Lacan, J., *El Seminario, libro 19, ...o peor*. Buenos Aires: Paidós. 2012, pp. 31-32.

- A segunda conclusão se apoiou nas mudanças acontecidas na família tradicional, *a independência e emancipação das mulheres em relação ao papel que assumiam antes como mães e a intercambialidade dos papéis entre um homem e uma mulher*, que surgem a partir de diferentes enunciações: “família *díspar, versátil, móvel*”.

- A terceira conclusão apareceu como um *paradoxo*, embora o discurso preponderante das entrevistas tenha sido marcado *pelo declínio do Pai enquanto Ideal*. Vimos como as novas configurações organizadas *sobre o mais diverso da sexuação* apelam a uma *ordem de família tradicional para se situar socialmente*. Trata-se de um enodamento ao pai?

Algumas dessas respostas mostram nossas conclusões:⁴

• **A família é um refúgio, um remédio para evitar a solidão:**

“A família é um remédio contra a solidão”. (Jovem de 20 anos)

“Antes a família era um destino em si mesma. Agora é um refúgio frente a uma sociedade cada vez mais individualista e agressiva”. (Mulher de 73 anos)

“Uma família existe para não estarmos sós”. (Menino de 11 anos)

“As famílias são instituições nas quais se convive com o insuportável e às vezes isso é difícil de abordar. As tentativas de normatizar o familiar tentam limitar o insuportável”. (Mulher de 55 anos)

• **Emancipação da mãe/ a intercambialidade dos papéis:**

“Agora as mulheres são diferentes e essa é a diferença principal dessa época”(Mulher de 85 anos)

“O papel que os diferentes membros da família ocupam, parecem muito mais flexíveis do que eram antes. Partindo da figura patriarcal do pai, aquele que coloca ordem e que dá o pão, para uma família em que pai e mãe trabalham. Há mais igualdade entre os homens e mulheres ou, pelo menos, é o que se tenta”. (Mulher de 26 anos)

“Por mais que existam sexos similares, sempre há essa dicotomia, invariavelmente encontra-se o lado feminino e o masculino e se falta algo do feminino ou do masculino, há uma carência”. (Rapaz de 20 anos)

“Isso de que não há papai-mamãe, que agora pode haver papai-papai, que o papel pode ser cumprido por qualquer um. Os papéis de pai e mãe não estão mais tão definidos. Parece-

⁴ Adjuntamos en archivo una por una de las Conversaciones realizadas.

me que mesmo em uma família em que haja pai e mãe e que, talvez, o pai não seja o suporte familiar ou econômico, isso também pode acontecer”. (Rapaz de 29 anos)

“Na questão patriarcal não se trata de que em determinadas coisas é necessário seguir uma certa disciplina, mas que maneja-se mais um contrato e uma relação de iguais”. (Mulher de 73 anos)

“Agora são todos iguais. Penso que antes os pais eram mais rígidos que os de agora. Os pais hoje em dia são mais flexíveis e companheiros dos filhos”. (Mulher de 29 anos)

“A família de hoje é muito desigual, não se pode responder de modo uniforme a essa pergunta, não há “a resposta”, a palavra que usaria para dizer algo sobre isso é ‘díspar’”. (Mulher de 80 anos)

“[...] pelo avanço da mulher, ela também se libertou de um certo papel estabelecido. A figura de chefe de família não é necessariamente a de um homem. Os homens saíram correndo desse lugar aproveitando o avanço dos direitos das mulheres. Por exemplo, no papel de chefe de família agora há igualdade”. (Homem de 58 anos)

“Hoje o conceito de família é mais versátil tal como é o pensamento das pessoas, não tão fechado. Pego-me dando voltas em torno do tema dos papéis [...] alguma coisa evidentemente mudou”. (Homem de 30 anos)

“Há menos verticalidade, antes as opiniões dos adultos da família contavam mais que o resto, agora somos todos iguais”. (Mulher de 29 anos)

• **A configuração das famílias atuais:**

“Para mim a família é o que você quiser considerar como família, ponto”. (Jovem de 18 anos)

“Para mim o que caracteriza uma família é o que pode dar-lhe identidade é a ideia de desenvolver uma vida em comum. Bom, quatro ou cinco pessoas que se juntam, como na Alemanha, que tem um projeto de vida em comunidade, é uma família? Não saberia responder, mas certamente é um questionamento em relação a uma ideia histórica que alguém pode ter de família”. (Juiz de família de 45 anos)

“Que a família existe...Os laços de hoje são móveis...Há muitos modos possíveis de estilo de vida. Antes, talvez, tudo era mais predeterminado e não havia espaço para a escolha de cada um. Hoje cada um determina como faz seus laços, talvez isso torne as coisas mais difíceis por um lado mas, por outro, está mais de acordo com o que cada um quer”. (Mulher de 40 anos)

“Na realidade cada um considera família o que cada um elege como família. Não o que te impõem. Para alguns é seu cachorro, ou seu gato, ou seus amigos”. (Mulher de 26 anos)

“Porque há distintas definições de família, uma pessoa pode acreditar que sua família é seu cachorro”. (Mulher de 18 anos)

“Eu tenho a minha família que é aquela de criança, de nascimento, família biológica e tenho uma família ampliada que são todos os vínculos que foram consolidando-se durante toda minha vida. A família com filhos que é essa que agora formei com minha mulher, através do desejo”. (Mulher de 51 anos)

“A família é para cada um outra coisa”. (Homem de 30 anos)

“Também podemos falar da família que não é estritamente sanguínea, por exemplo, muitas pessoas formam famílias com aqueles que nada têm a ver com seus laços sanguíneos, com quem se uniram pela vida e que terminam funcionando como famílias, mas que, talvez, não sejam essas famílias típicas que nós conhecemos”. (Mulher de 26 anos)

“Eram mais convencionais. Parece-me que não estava instalada a ideia de que família poderia também ser constituída de amigos. Não havia a ideia de que família poderiam ser dois homens, duas mulheres, ou um cachorro e seu dono”. (Mulher de 26 anos)

“Hoje há muitos formatos novos e é muito válido e respeitável que cada indivíduo, quando quer formar uma família faça-o à sua maneira”. (Mulher de 32 anos)

“E agora pessoas as mais diversas, da forma em que isso surja ou vá se dando. Hoje creio que aquele que coloca a sua escolha está mais comprometido do que em outras épocas mas, por outro lado, as famílias se desmontam mais facilmente”. (Mulher de 37 anos)

• Declínio do pai:

“Hoje, creio que não estão muito claros os limites e a autoridade. Antes os pais diziam algo e fazia-se, senão haveria um castigo preciso. Quando eu era criança, se te diziam que não, era não. Não se dava voltas e não se fazia tanto o que o outro queria. Respeitava-se mais a palavra dos mais velhos. Parece-me que com as crianças de hoje não é o que acontece. Os pais se desdobram para satisfazerem suas vontades e sempre parecem estar em dívida com seus filhos.”(Jovem de 20 anos)

“O que vejo agora é que os pais não sabem mais o que fazer, as crianças estão descontroladas”. (Homem de 31 anos)

“Os pais não se colocam em seu lugar e estão ocupados com muitas coisas e não prestam atenção a determinadas coisas das crianças”. (Mulher de 73 anos)

“Porque temos medo de dizer não. É necessário colocar limite em certas coisas. Isso já acontece há algum tempo, agora é o contrário, os pais têm medo do que vão dizer às crianças, se vão perdê-las. Há um vai e volta que não funciona”. (Mulher de 84 anos)

Segundo tempo: perspectiva da conceito

Após ler as entrevistas traçamos o percurso epistêmico:

Pai

Um dos conceitos fundamentais no ensino de Lacan é a noção de *pai*. Em 1957, ele advertia que o único lugar de onde se pode responder de forma plena e válida à pergunta sobre o pai é em determinada tradição.⁵ Foi necessário que a introdução *do significante do pai*, introduzisse, de início, uma ordenação na linhagem, a série de gerações.⁶ O pai então, apresenta-se como a *estrada principal*, como aliança, enquanto agrupa um *feixe* de significações.

Lacan já indicava no ano de 1938 que ao psicanalista não convinha a nostalgia. O *dinamismo jurídico*⁷ da sociedade contemporânea inclui *o imperativo de igualdade entre os sexos ou o imperativo da similitude ao extremo*.⁸ Atualmente, a estrutura vertical da sociedade, a verticalidade do Nome do Pai, foi substituída pela *horizontalidade*. Cabe então, a pergunta sobre o lugar do *pai* nesse contexto.

Ora, Lacan já levava em conta que o progresso científico viria a questionar o lugar do pai. Em *O seminário 4*, relata um caso de inseminação artificial a propósito do qual pergunta-se:

[...] sob que modalidade se inscreve no psiquismo da criança a palavra do ancestral, cujo único representante e único vínculo será a mãe, como falará o ancestral escarnecido?⁹

⁵ Lacan, J., *El Seminario, libro 4. La relación de objeto*. Buenos Aires: Paidós. 2009, p. 357.

⁶ *Ibidem*, p. 455.

⁷ Miller, J.-A., *Piezas sueltas*. Buenos Aires: Paidós. 2013, p. 377.

⁸ *Ibidem*, p. 378.

⁹ Lacan, J., *El Seminario, libro 4...*, *op. cit.*, pp. 377-378.

Efetivamente podemos encontrar rastros nos primeiros tempos das elaborações de Lacan que dão conta do que Freud esboçou muito bem: “a incerteza do papel do pai”.¹⁰ O *grande segredo da psicanálise* consiste, assim como expressa Lacan mais tarde, como: *não há Outro do Outro*, que o ser humano padece de um defeito de garantia. Sempre haverá um “resto não solucionado”.¹¹

Na apresentação de *O seminário 6*, Jacques-Alain Miller pergunta-se como ler esse Seminário:

[...] direi que é um seminário encruzilhada, um *bivium*, onde duas vias se abriam para Lacan [...] não seguiu a do Nome do Pai, mas seguiu a do desejo, a qual o conduz a levar em conta o gozo.

Entendemos que esse Seminário introduz ao menos duas noções que permitiram Lacan articular o mais além do Édipo: *a castração é a da linguagem* – S (A) – não a do pai; e, ao final da análise, será articulada à fantasia, a seu atravessamento, fantasia que inclui o objeto *a* como objeto do desejo inconsciente, como o elemento que escapa ao Nome do Pai e à metáfora paterna. Quer dizer que a *metáfora paterna, a substituição do desejo da mãe, no que nomeia o pai* não consegue nomear o objeto *a*.

Objeto *a*

Ao final de *O seminário 10* Lacan irá diferenciar o pai mítico do “pai que sabe a que se refere seu desejo”¹². Então, o pai mítico de “Totem e tabu” é aquele que esmaga o desejo do filho. É o pai idealizado e eterno que se impõe a todos os demais. Abre-se para nós outra via situando o objeto *a* no campo do Outro, já que pode-se encontrar aí um pai referido a um objeto *a* que o exhibe enquanto causa, como um pai vivo e desejante. Já não é mais aquele da ameaça da castração, que quer a castração, *faz-se possível uma passagem por onde vislumbrar a castração do pai*. Não é uma extinção do pai, *é uma transformação do pai*. É o preliminar da passagem do *pai freudiano* ao *pai lacaniano*, sendo que encontra pela via do pai que se abre a porta ao “desconhecimento do objeto *a*”¹³. E desde então se

¹⁰ Freud, S., Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans). *Obras completas*. Tomo X. Buenos Aires: Amorrortu. 2008, p. 77.

¹¹ *Ibidem*, p. 83.

¹² Lacan, J., *El seminario, libro 10. La angustia*. Buenos Aires: Paidós. 2007, p. 364.

¹³ *Ibidem*, p. 365.

empenha em situar *os nomes do pai*. No comentário de Miller sobre o *Seminário inexistente* há uma interpretação sobre o Seminário dos *Nomes do Pai* que Lacan não deu, enfatizando que ele teria deixado a evidência de *um furo em seu ensino*. Por que dar-lhe importância? Ao ler Miller pode-se deduzir que esse furo deixa a evidência de um impossível, donde, no mais além de Freud, se introduz a prática lacaniana.

Lacan, interessado na castração do pai, dizia em “*O seminário 17*” que o pai está, não apenas castrado, mas precisamente castrado a ponto de não ser mais que um número¹⁴. O pai. Mestre castrado, se enlaça *ao desejo da mãe* como a boca do crocodilo e situa sua dimensão de estrago¹⁵ “*o falo é como a vara que não permite que essa boca se feche. Resta ainda sem localizar e encaminhar o que é o feminino nessa boca de crocodilo; falta dizer que ali também há uma mulher*. Dizer que há uma mulher é uma maneira de não dar consistência ao crocodilo”.¹⁶

Muda-se de perspectiva quando passa a se referir ao pai a nomeação, já que “se o que se nomeia pai, o Nome do Pai, é um nome que tem uma eficácia, é precisamente porque alguém levanta-se para responder”.¹⁷ Tratar-se-ia então, do que *o pai, ao responder, nomeia*.

O sintoma

O sintoma, seu gozo, passa a ser a regra que ordena. Sua função (Φ) assimila significante e gozo (S_1, a). Lacan superou os limites da bipartição significante-gozo – que se traduz no binarismo clínico neurose-psicose – com a clínica borromeana.¹⁸ A escritura prévia modal das fórmulas proposicionais que definem as possíveis partes homem e mulher em sua relação com o gozo.

¹⁴ Lacan, J., *El seminario, libro 18. De un discurso que no fuera del semblante*. Buenos Aires: Paidós. 2009, p. 160.

¹⁵ Lacan, J., *El seminario, libro 17...*, *op. cit.*, p. 128.

¹⁶ Goldenberg, M., *Estragos femeninos. Imago Agenda*.

Disponível em: <http://www.imagoagenda.com/articulo.asp?idarticulo=767>. Y en Revista *Consecuencias* N° 19.

¹⁷ Lacan, J., *El seminario, libro 18...*, *op. cit.*, p. 159.

¹⁸ Miller, J.-A. y otros, *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós. 2003, p. 216.

Há um gozar da linguagem, continuidade que escrevemos com o par (S1, a). O que designa como *furo* é o *gozo* enquanto interessaria, não ao Outro do significante, mas sim *ao outro do corpo*, ao outro do *Outro Sexo*.

A pluralização do Nome do Pai e sua transmutação em sintoma, operou uma mudança em sua função. Miller afirma que *de ser um nome próprio*, o que designa o nomeado, que se tem ou não, e que define classes, *tornou-se “um predicado [...]. Um elemento específico dentre outros que, para um sujeito específico, funciona como Nome do Pai”, o princípio que ordena seu mundo.*¹⁹ O S1, variável dessa função, *cumprir com a propriedade do Nome do Pai sem o ser*.

“Um pai não tem direito ao respeito, senão ao amor, mas que se o dito, o dito amor, o dito respeito está *père-versement* orientado”,²⁰ é uma citação de “RSI” que marca como fazer de uma mulher objeto a minúsculo que causa seu desejo. Que “a normalidade não é a virtude paterna por excelência” mas somente o *justo dizer*. Talvez, não haja aqui o ensino de um pai orientado pelo real, virtuoso por transmitir o que não pode ser dito. Aquilo que constatamos nas entrevistas, a busca por um refúgio ou remédio contra a solidão própria do ser falante. É a partir dessa solidão que cada um deve inventar, na medida do possível, sua própria maneira de vivê-la.

Enredos e conclusões

Do pai à *parentalidade*: quais as consequências para a clínica?

Ao referir-se à “variedade do sintoma” Lacan faz²¹ menção ao que ele chama o *parentesco questionado*. Um termo de que se vale para transmitir que, um analisante, ao falar de sua família, refere-se à *lalíngua* que lhe ensinaram. E é a cultura então que faz o *caldo de linguagem* do N. do P.

O termo *parentalidade* introduzido como um modo de denominar a mudança produzida no nível da autoridade dentro da estrutura familiar, nasce de acordo com a modificação no *Código civil*. Consiste em uma passagem da *autoridade paternal* para a *autoridade parental*, o pai não predomina mais. Se antes, entre o pai e a mãe havia uma clara

¹⁹ Miller, J.-A., Efecto retorno sobre la psicosis ordinaria, *El Caldero de la Escuela* N° 14. Buenos Aires: EOL-Grama. 2010, p. 24.

²⁰ Lacan, J., “El Seminario 22. RSI”. Clase 21/01/75. (Inédito).

²¹ Lacan, J., “El Seminario 24. *L'insu...*”. Clase 19/4/77. (Inédito).

diferença, hoje encontramos uma *igualdade de direitos*, coloca-se sua *intercambialidade*, o que fica afetado é a diferença homem-mulher.

Em nossa experiência na cidade constatamos que a formulação das perguntas deixava aberta a pergunta pelo lugar da criança. Percebemos que, da criança rei de Freud passou-se à ditadura da criança, delimitando a parentalidade como um estilo de vida, tudo gira em torno das crianças. Assim, a criança ditadora é também a criança objeto, há um paradoxo que se pode ver e escutar. Como ler esse movimento?

Uma hipótese transmitida por Marie-Hélène Brousse²² interpreta o que a clínica ensina, “quando prevalecem os significantes pai e mãe a ausência da relação - que é estrutural - é coberta pelo sentido fálico que opera na metáfora”. Então, se esses significantes desaparecem e são substituídos pelo significante “família”, a questão fica centrada *na criança* e o destino do sintoma vai depender do valor fálico que tome ou não. Desse modo, a estrutura ficará mais fixada *aos modos de gozo predominantes nos pais* do que na identificação aos tipos ideais de cada sexo.

Em uma entrevista publicada no Boletim *Assuntos! da ENAPOL #29*,²³ Graciela Brodsky destacava do complexo de intrusão elaborado por Lacan em “Complexos familiares”, a maneira como irrompe o outro na família. Uma vez que se produz a perda do par parental baseada na diferença, o par passa a ser de irmãos, de iguais ou pares. A criança irrompe como “criança díspar”. E assim, quanto maior paridade entre o par parental mais intrusão da criança. Sendo a disparidade o que faz sintoma, enquanto marca a impossibilidade de absorção do real pelo simbólico.

Então, qual pai para a parentalidade? O que faz *função de amarração* na era da parentalidade?

“RSI” coloca o pai como um sintoma enquanto *nó*, mas o pai não é o único enodamento possível e isso amplia para nós a perspectiva que põe a psicanálise à altura da época pelo desigual. Não prescindimos do Édipo, mas *há um mais além*. “O pai pulverizado”²⁴ é uma metáfora de Serge Cottet em que se coloca que a psicanálise vai contra a idéia de *uma causalidade unívoca*. Se há uma causalidade trata-se de algo que é altamente singular. Não poderíamos dizer o que se passa com as crianças das famílias homoparentais ou

²² Brousse, M.-H., Un neologismo de actualidad..., *op. cit.*

²³ Disponible en: <http://www.asuntosdefamilia.com.ar/es/template.php?file=Boletines.html>

²⁴ Cottet, S., El padre pulverizado. Torres, M., Faraoni, J., Schnitzer, G. (Comp), *Uniones del mismo sexo. Diferencia, invención y sexuación*. Buenos Aires: Grama. 2010. Y en Revista *Virtualia* N° 15. 2006. Disponible en: <http://virtualia.eol.org.ar/015/default.asp?dossier/cottet.html>

monoparentais. Então, o que se passa com eles? Nada diferente do que se passa com outras crianças dessa época. É a prática do um por um. O inconsciente acredita no pai apesar de sua carência no real, ou na realidade. No simbólico as peças se permutam, os significantes admitem mobilidade e então “a coisa funciona”, isso é o funcionalismo.

O problema de nossa época se situa no nível *do real do pai em que verificamos uma carência* na simbolização, que não é *no mesmo nível de estrago em todos os casos*. Ainda que o inconsciente as arrume e um S1 advenha, não será sem resto, não será sem marca. Na prática verificamos que é no nível do corpo que encontramos os rastros mais visíveis dessas marcas indelévels, bulimias, anorexias, toxicomanias, alcoolismo generalizado, cortes na pele, hiperatividade...

“Cada pai real será uma suplência do pai simbólico e portanto, uma amarração” é uma referência de Manuel Zlotnik sobre o valor das *pluralizações dos Nomes do Pai*.²⁵ *O sintoma seria um modo de amarração que faz do pai um sintoma a mais de nossa civilização*. Nossa orientação será portanto, a do *sinthome*, o sintoma de cada um.

Desse modo, a eficácia da psicanálise pode colocar-se como uma aposta: a de situar-se como quarto nó que possa enlaçar R, S, I. a partir de uma posição extrafamiliar. “É possível analisar-se em outra língua que não a materna, mas algo se perde”, nos diz Miller, ao mesmo tempo que também algo se recupera. Quando alguém se analisa em outra língua se produz uma *desfamiliarização*, uma vez que a língua é o lugar de encarnação, o que encarna é o lugar do Outro.

Estamos em condições de afirmar, a partir do que aprendemos com nosso trabalho, que *desfamiliarizar, desenredar* um sujeito de sua própria trama significativa requer um analista capaz de saber ler e deixar-se orientar pelos alcances e os limites inconscientes de um sujeito. Assim ensina *a época do Pai real*.

²⁵ Zlotnik M., *El padre modelo*. Buenos Aires: Grama. 2016, p. 70.